

A GEOGRAFIA DAS TEMPESTADES

The geography of storms

Eugênia Maria Dantas¹

Maria da Conceição Xavier de Almeida²

RESUMO

Não sendo desvinculados de uma reflexão epistemológica, os eventos supõem e requerem um panorama do conhecimento. Tendo por horizonte esse princípio, o artigo expõe um conjunto de cenários geo-históricos e filosóficos sobre o fenômeno da pandemia provocada pela COVID-19. Uma avaliação crítica do modelo civilizatório em curso é exposta aqui por meio de cientistas e pensadores de diversas áreas do conhecimento. O texto tem por referência a abordagem complexa e transdisciplinar das ciências.

Palavras-chave: Geopolítica da pandemia. Complexidade. Transdisciplinar.

ABSTRACT

Not disconnected from an epistemological reflection, university extension actions assume and require an overview of the current state of knowledge on a given theme or domain. With this principle in mind, the article exposes a set of geo-historical and philosophical scenarios about the pandemic phenomenon caused by COVID-19. A critical evaluation of the current civilizing model is here provided by scientists and thinkers from different areas of knowledge. The text has its basis on a complex and transdisciplinary approach to science.

Keywords: Pandemic geopolitics. Complexity. Transdisciplinary.

¹ Professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, atuando junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia e como Colaboradora Voluntária do Programa de Pós-Graduação em Educação. eugeniadantas@yahoo.com.br.

✉ Rua Bacharel Heráclito Vilar, 762, apto. 101, Barro Vermelho, Natal, RN. 59030-450.

² Professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, atuando junto aos Programas de Pós-Graduação em Educação e de Pós-Graduação em Ciências Sociais. calmeida17@hotmail.com.

✉ Avenida Bernardo Vieira, 4114, apto. 1003, Lagoa Nova, Natal, RN. 59056-040.

TEMPESTADE À VISTA, MAS AINDA DIFUSA...

Em “Carta para as futuras gerações”, o prêmio Nobel de Química de 1977, Ilya Prigogine (2009a, p. 11) afirma, já na abertura, que “as moléculas obedecem ‘a leis’ [como] as decisões humanas dependem das lembranças do passado e das expectativas para o futuro”. Mesmo assinalada essa distinção, defende o autor em entrevista intitulada “Elogio do irreversível”, no livro “Ciência, razão e paixão” (PRIGOGINE, 2009b), certa paridade no que tange à relação entre determinismo e liberdade nos domínios do universo e do homem.

Na referida entrevista, quando questionado sobre se haveria uma liberdade da matéria, dirá: “sim, há uma liberdade da matéria. Passamos (da concepção) de um universo harmonioso, mas repetitivo, a um universo turbulento, flutuante” (PRIGOGINE, 2009b, p. 84). Já no livro citado, no artigo intitulado “Ciência, razão e paixão”, concluirá essa sequência de argumentos, redefinindo a concepção de leis. Dessa vez, afirmará que nos sistemas complexos, portanto, longe do equilíbrio, as leis não expressam um determinismo absoluto e devem agora ser entendidas como hipóteses, probabilidades apenas. “As leis assim concebidas não nos dizem o que vai acontecer, mas o que pode acontecer” (PRIGOGINE, 2009b, p. 97).

Nada mais pertinente do que essas ideias de Prigogine para compreender o nosso mundo o qual, a partir do primeiro semestre de 2020, vive sob o signo de uma pandemia protagonizada pelo Novo Coronavírus, que desconhece limites territoriais, nacionais e diferenças de classe social. Como enfrentar a velocidade de um ataque virótico que se torna um acontecimento (um evento novo) em escala planetária? Como ter tempo para lembrar e projetar o futuro quando as decisões humanas estão sob a égide da velocidade, da simultaneidade, da compressão espaço-temporal deslocada, nesse momento, para caracterizar o ataque virótico em escala mundial?

“A ciência une os povos. Cria uma linguagem universal” (PRIGOGINE, 2009a, p. 12). Essa afirmação também faz todo sentido hoje e fornece pistas para entendermos a tempestade que se formou com a emergência da COVID-19, provocando dúvidas, incertezas e indeterminações nos âmbitos da política e da ciência em todos os continentes de nosso planeta, mas, ao mesmo tempo, provocando a criatividade dos cientistas. A mensagem de Prigogine reveste-se de otimismo e apela para uma ciência da complexidade capaz de borrar fronteiras disciplinares entre o vivo e o não vivo, entre a natureza expandida e a cultura científica.

Talvez, por meio das ciências da complexidade, seja possível trazer luzes para subsidiar ações sociais e políticas, quando o enfrentamento ocorre em um campo desconhecido. De fato, argumenta Prigogine, a criatividade humana é uma consequência, ou um caso particular da “criatividade natural como um todo” (PRIGOGINE, 2009a, p. 17), isto é, em todos os níveis da natureza. Daí porque, para esse autor, o futuro não está determinado e as ciências da complexidade têm muito a dizer. Em síntese, a busca por soluções para sanar ou reduzir a pandemia que assola o planeta Terra supõe, pois, a criatividade das ciências diante do desafio posto pela criatividade de um vírus em metamorfose (por isso se fala do “Novo” Coronavírus).

Estaríamos nós diante de uma “tensão essencial” (expressão de Thomas Khun) entre a criatividade de um vírus e a criatividade dos cientistas? Quais seriam os vetores de continuidade e descontinuidade entre esses dois domínios de criatividade? Essas duas perguntas fazem sentido, uma vez que devemos considerar a organização da sociedade como um sistema interdependente de estruturas vivas distintas e que interagem entre si. Mais do que isso, é crucial compreender que a simbiose entre o mundo das ideias, dos seres e das coisas requer mecanismos de inteligibilidade para tornar essa simbiose fiável a uma

A geografia das tempestades

Eugênia Maria Dantas e Maria Conceição Xavier de Almeida

decifração plausível para todos. Afinal, é preciso reconhecer que, no século XX, destacou-se a robustez das sistematizações científicas baseadas em evidências, tanto das dinâmicas da ordem quanto das desordens e incertezas anunciadas por experimentos da Física, da Biologia, da Química, das ciências da informação, da Cibernética, dentre outros campos disciplinares.

Esse panorama científico coloca em cheque as descrições dos eventos baseados em modelos mecânicos, simplificados e incapazes de compreender as dinâmicas intrínsecas da natureza, que não se movem por leis fixas e imutáveis. Desconsiderar as variações, desvios e ruídos de qualquer fenômeno longe do equilíbrio (ou seja, complexo) é desconhecer as permanentes metamorfoses do mundo biótico e mesmo prebiótico, como parece ser o caso do fenômeno COVID-19. Algumas pesquisas desenvolvidas alertam para a impropriedade de nomear como “vírus” o que de fato é uma proteína envolta numa camada de gordura e que, para emergir como vírus, necessita de um hospedeiro. Certamente, nomear de vírus é, ainda, uma maneira de manter em aberto o debate sobre o limite entre o vivo e o não vivo. E isso é bom. Tal debate foi, já nos anos cinquenta do século passado, protagonizado de forma brilhante pelo médico e biofísico Henri Atlan. Para ele, esse problema

está na origem de como colocar barreiras ou estabelecer fronteiras entre diferentes classes de existência como, por exemplo, entre os sistemas vivos e não vivos, entre os dotados de consciência e os desprovidos dela, entre os que conhecem consciente ou inconscientemente. Contrariamente ao que se concebia antigamente, as fronteiras tendem a se apagar e é difícil decidir sobre o lugar onde devemos colocar uma barreira, ou se existe alguma (ATLAN, 2003, p. 255).

O jogo da ciência, como campo de descoberta e especulação da ordem preexistente na natureza, ou como espaço narrativo que oferece

estatuto de realidade à natureza em suas evidências sistêmicas, supõe, assim, acionar a dialógica ordem/desordem, interação/reorganização em todos os níveis da natureza estendida.

A esse respeito, Morin (1999) afirma que o reconhecimento da desordem e da incerteza tem um viés revolucionário para o conhecimento científico, pois reestabelece o elo sistêmico para o entendimento do mundo. Para ele, não há como conceber um fenômeno complexo isolando-o do seu contexto e de seus elementos. O procedimento de separar e decompor o todo em partes, usado pelos devotos de uma ciência cartesiana e hiperespecializada, exclui contextualizar e globalizar, estratégias inseparáveis para a sistematização do conhecimento complexo. “Isso quer dizer que não podemos compreender alguma coisa de autônomo, senão compreendendo de que ele é dependente. Portanto, está em questão o problema da inseparabilidade” (MORIN, 1999, p. 25), ao que acrescentaríamos, dos fenômenos no espaço.

Se é possível afirmar que a compreensão temporal seja adquirida posteriormente à experiência, tal fato não pode ser extensivo à dimensão espacial, estejamos tratando do que ocorre no mundo físico, biológico ou antropológico. Do infinitamente pequeno, como é o vírus, ao infinitamente grande, como é o universo, a dimensão espacial é uma invariante na experiência dos corpos em suas múltiplas variações.

O espaço talvez seja a dimensão mais duradoura do processo de transformação que acompanha as espécies em suas dinâmicas de adaptação, dependência, concorrência e sobrevivência na Terra. Antes de ser o objeto de estudo da Geografia, ou de ter uma função acadêmica ou escolar, o espaço se constitui na obra-prima para experimentação das espécies em suas recorrentes gestualidades, existencialidades e trajetórias de sobrevivência. Antes de qualquer sistematização filosófica, teórica ou metodológica, o espaço é a argamassa na qual

A geografia das tempestades

Eugênia Maria Dantas e Maria Conceição Xavier de Almeida

a experiência se dá. Em outras palavras, é o dispositivo que oferece a possibilidade de continuidade, metamorfose e extinção da vida.

Das sociedades mais arcaicas àquelas tidas como modernas, o espaço esclarece e encobre o agir no mundo; concentra redundâncias, ruídos, informações; torna-se constituinte narrativo para seres, corpos e objetos. É somente por meio do espaço que a narrativa da ciência pode expressar “uma sucessão de bifurcações”, ideia espelhada no que Prigogine (2009a, p. 14) esclarece como sendo

[...] pontos especiais nos quais a trajetória seguida por um sistema se subdivide em “ramos”. Todos os ramos são possíveis, mas só um deles será seguido. De modo geral, bifurcações são, simultaneamente, um sinal de instabilidade e um sinal de vitalidade de uma sociedade. Expressam, também, o desejo de uma sociedade mais justa.

Esse espelhamento confere o entendimento de que o Coronavírus é um evento potencializador do surgimento de uma “[...] nova estrutura social depois de uma bifurcação” (PRIGOGINE, 2009a, p. 13). Parafraseando Prigogine, perguntamos: qual será o resultado da bifurcação que está sendo provocada por esse vírus? Em qual de suas ramificações nos encontraremos, após a passagem desse evento? Lendo dessa perspectiva, podemos vislumbrar metamorfoses, riscos, perigos e reorganizações que advirão depois da pandemia.

Cientistas das mais diversas áreas, estadistas, políticos, empresários, religiosos e cidadãos comuns afirmam que o mundo não será o mesmo após esse momento. No horizonte das incertezas, a emergência de um novo cenário mundial começa a basear o discurso, muito embora, ainda não se possa precisar quais mudanças estão em curso. O futuro está aberto, lembra Prigogine. Estamos ainda e sempre no terreno das probabilidades. As ciências da complexidade se expandirão com mais pertinência em todos os domínios da cultura científica? A

probabilidade da mudança mescla-se com a incerteza sobre o que virá, a depender, já agora, do campo de flutuações, dos eventos em suspensão e do necessário posicionamento dos indivíduos, ainda dentro da tempestade.

SINTOMAS VISÍVEIS, NARRATIVAS ABERTAS

Da Basílica de São Pedro no Vaticano, em 27 de março de 2020, uma paisagem singular inunda o mundo. A praça vazia e a solidão de um orador emitem o sinal do tempestuoso momento vivido pela humanidade. O papa Francisco ocupa o centro da cena dirigindo-se para uma multidão invisível e dispersa pela Terra. Isolado, o papa escolhe narrar o tempo pelo caminho do meio. Não procura a noite ou dia, mas o entardecer, aquele momento em que não sabemos exatamente o que vai acontecer, pois é uma passagem entre a luz e a treva. Segundo o próprio papa:

[...] Desde há semanas que parece o entardecer, parece cair a noite. Densas trevas cobriram as nossas praças, ruas e cidades; apoderaram-se das nossas vidas, enchendo tudo dum silêncio ensurdecedor e um vazio desolador, que paralisa tudo à sua passagem: pressente-se no ar, nota-se nos gestos, dizem-no os olhares. Revemo-nos temerosos e perdidos. À semelhança dos discípulos do Evangelho, fomos surpreendidos por uma tempestade inesperada e furibunda. Demo-nos conta de estar no mesmo barco, todos frágeis e desorientados, mas ao mesmo tempo importantes e necessários: todos chamados a remar juntos, todos carecidos de mútuo encorajamento. E, neste barco, estamos todos. Tal como os discípulos que, falando a uma só voz, dizem angustiados “vamos perecer” ([Mc] 4, 38), assim também nós nos apercebemos de que não podemos continuar a estrada cada qual por conta própria, mas só o conseguiremos juntos (PAPA FRANCISCO, 2020).

A geografia das tempestades

Eugênia Maria Dantas e Maria Conceição Xavier de Almeida

Fazendo eco a Francisco, também Edgar Morin alerta para a crise planetária generalizada e a necessária tomada de posição, considerando a interdependência que rege o sistema-mundo.

[...] o vírus está trazendo uma crise planetária nova [que vem para acrescentar] a crise planetária da humanidade na era da globalização. Mas, essa complexidade em todos os lugares, continua sendo considerada e tratada como questões separadas. Cada estado fecha sua nação sobre si mesma; a ONU não propõe ainda uma grande aliança planetária dos todos os estados. Assim sendo, devemos pagar, em vítimas adicionais, pelo sonambulismo generalizado e a falta de compreensão que separa o que está conectado? O vírus nos revela aquilo que estava escondido nas mentes compartimentadas que foram se formando em nossos sistemas educativos, e nas mentes dominantes que formam as elites tecno-econômicas financeiras: a complexidade de nosso mundo humano na interdependência e inter-solidariedade da saúde, do econômico, do social e todo o humano e planetário. Essa interdependência manifesta-se em inúmeras interações e retro-alimentações entre os diversos componentes das sociedades e dos indivíduos. Assim, a perturbação econômica causada pela epidemia, fomenta sua propagação (MORIN, 2020a, n.p)³.

³ Tradução livre de: “[...] el virus está trayendo una nueva crisis planetaria a la crisis planetaria de la humanidad en la era de la globalización. Sin embargo, esta complejidad sigue siendo considerada y tratada en cuestiones y sectores separados en todas partes. Cada estado cierra su nación sobre sí misma; la ONU no propone una gran alianza planetaria de todos los estados. Debemos pagar, en víctimas adicionales, por el sonambulismo generalizado y la falta de espíritu que separa lo que está conectado? Y sin embargo, el virus nos revela lo que estaba oculto en las mentes compartimentadas que se formaron en nuestros sistemas educativos, y mentes que eran dominantes entre las elites tecno-económicas-financieras: la complejidad de nuestro mundo humano en la interdependencia e intersolidaridad de la salud, lo económico, lo social y todo lo humano y planetario. Esta interdependencia se manifiesta en innumerables interacciones y retroalimentaciones entre los diversos componentes de las sociedades y los individuos. Así pues, la perturbación económica causada por la epidemia fomenta su propagación”.

Também para Yuval Harari (2020), o cenário pandêmico exige escolhas entre diferentes possibilidades. Para isso,

[...] entre alternativas, devemos nos perguntar não apenas como superar a ameaça imediata, mas também que tipo de mundo habitaremos quando a tempestade passar. Sim, a tempestade passará, a humanidade sobreviverá, a maioria de nós ainda estará viva – mas habitaremos um mundo diferente. As decisões que em tempos normais podem levar anos de deliberação são aprovadas em questão de horas. Tecnologias imaturas e até perigosas são colocadas em serviço porque os riscos de não fazer nada são maiores. Países inteiros servem como cobaias em experimentos sociais em larga escala. O que acontece quando todos trabalham em casa e se comunicam apenas a distância? O que acontece quando escolas e universidades inteiras ficam online? Em tempos normais, governos, empresas e conselhos educacionais nunca concordariam em realizar tais experimentos. Mas esses não são tempos normais (HARARI, 2020, n.p).

Domenico De Masi (2020), sociólogo italiano, relata a vida na Itália sob o domínio da COVID-19. Naquele país, um dos mais afetados, a paisagem se assemelhava, no auge da pandemia, a um deserto de prédios, ruas vazias e silêncios interrompidos apenas pela sirene da ambulância que passa para socorrer acometidos pelo vírus. Pergunta o sociólogo o que significa uma pandemia para Roma, para a Itália, para o mundo, quando há pouco tempo a humanidade se sentia senhora do céu e da terra, aportada em tecnologias potentes e inteligência artificial?

Hannah Cabral, acadêmica brasileira do curso de História da UFRN, campus de Natal, em intercâmbio na Universidade de Coimbra, Portugal, descreve o seu isolamento social naquele país, como uma experiência com diversas faces. A paisagem é o seu guia, a atenção a sua estratégia, a narrativa a sua força para enfrentar a inesperada

A geografia das tempestades

Eugênia Maria Dantas e Maria Conceição Xavier de Almeida

pandemia como um momento de transformação. Do caos pandêmico, emerge a possibilidade de reorganização.

Quando foi decretado pela OMS que o mundo estava vivendo uma pandemia, a tela do celular se transformou na minha janela para o mundo e o que vi me deixou desesperada. Não foram as imagens das ruas vazias ou das filas do supermercado, mas as palavras que descreviam hospitais lotados, idosos abandonados, famílias presas em casa, possível quebra econômica e, principalmente, o que vinha do Brasil. Só então compreendi que não só o mundo, mas eu, estava prestes a passar por um grande momento de transformação. Vi a imagem das costas do papa Francisco abençoando, de sua janela, a praça de São Pedro vazia. Aquela imagem desoladora, daquele lugar tão especial para mim, onde já tinha estado num dos momentos mais felizes da minha vida, funcionou como um prelúdio do que viria a ser a realidade para o resto do mundo e para mim, olhando da janela para ruas vazias. Nenhuma cena me impactou mais do que aquela. Recorri ao mesmo celular, que me trazia más notícias, para falar com amigos e entendi que não estava sozinha. Havia um senso de coletividade que foi aos poucos me fazendo largar o que fazia mal para me concentrar naquilo que fazia bem: as pessoas. Criei então uma nova rotina para trazer ordem ao vazio caótico em que os dias haviam se transformado. Em casa comecei a organizar meus dias com tarefas simples, e percebi que não apenas minha mente estava sendo deixada de lado, mas meu próprio corpo, sempre escondido sob duas ou três camadas de roupas em razão do frio europeu. Foi quando recorri a cuidados básicos que havia esquecido. Todos os dias dediquei 20 ou 40 minutos de aulas de Yoga para acalmar minha mente e acordar o corpo (tentei e falhei miseravelmente muitas vezes, mas nos momentos em que consegui me senti uma imperadora romana percorrendo triunfalmente a Via Ápia). Livros em *kindles* e computadores, séries, música e filmes no celular também se tornaram outros aliados desse cenário. Aqui, as universidades não pararam e adotaram um sistema de ensino a distância. Muito eficaz graças à tecnologia atual que permitiu que aulas teóricas não parassem. O ritmo havia sido quebrado e voltar a acompanhar os conteúdos exigiu um esforço hercúleo, mas o tempo ocioso tornou essa tarefa factível. Estudar me fez flutuar para o tempo dos gregos e romanos, sem me perder apenas

no caos do presente, mas também no deles. A história, afinal, permite isso: perceber o quanto há de caótico na trajetória dos humanos. Em meio a esse novo cotidiano, tomei a decisão de uma vez por semana ir ao mercado, o que se tornou uma atividade estranhamente aventureira. O perigo de exposição ao vírus revelou-se um exercício de coragem, controle da mente e descobertas. O medo estava ali atizando as emoções, mas não impedia o encontro com o inesperado. Na terceira vez que saí, em razão da atmosfera sufocada que parecia ser o interior de casa, ergui meus olhos e me deparei com lavandas. Dezenas de ramos de lavandas espalhadas em alguns metros de calçada, penduradas sobre um muro baixo, que depois vim a saber ser de um hospital. Estranhamente, notei que até aquele momento era como se estivesse vendo tudo cinza e uma simples lavanda, que praticamente se agarrou ao meu cabelo, me lembrou que o mundo ainda era colorido. Às vezes são pequenas coisas que nos fazem acordar e ter esperança. Desde então, não encaro mais a calçada. Ergo meu rosto e, ao fazer isso, vejo o hospital, a maternidade, famílias chegando, um homem esquisito com máscara e óculos de jogador de vôlei no rosto, um médico do lado de fora com uma máscara encostado a uma pilastra. Mais à frente, uma mulher correndo com seu cachorro, um ou dois idosos de máscara trazendo suas compras, um ponto de táxi onde há sempre dois carros encostados. Objetos e seres constroem a cena e descubro que a paisagem é um exercício do olhar em muitas direções. Ao chegar das compras, para meu isolamento, começa o processo de higienização. Lavo as mãos, limpo o celular, os fones, o cartão de débito, as chaves. Limpo as compras, lavo as frutas, a roupa que vestia é separada em um cesto diferente e tomo um longo banho. Vemos isso como paranoia, pois, quando antes da COVID-19, todos esses cuidados foram feitos? Mas se não os faço, o receio impera. Estou aprendendo pela dor. Em tempos de isolamento, passamos a prestar atenção nos pequenos detalhes, como sentir o vento no rosto, caminhar alguns passos, matar o desejo de comprar alguma comida com a qual passei o dia anterior imaginando. Em tempos de isolamento, o mínimo necessário nos faz lembrar e sentir saudade da normalidade. Então, como que recomeçando do zero, redescubro a rotina do dia e tudo se acalma, para então piorar e acalmar novamente. Os portugueses, resilientes depois de perceberem que certos hábitos deviam ser revistos, seguem

A geografia das tempestades

Eugênia Maria Dantas e Maria Conceição Xavier de Almeida

sua rotina, e, eu, brasileira em terras de colonizador, redescubro novos ritmos para lidar com o cenário distópico do presente. Ambos, eu e eles, unidos pelos mesmo sentido de adaptação à sobrevivência (Relato de Hannah Cabral⁴).

Isolamento social, queda nas bolsas de valores, cidades vazias, sistemas de saúde colapsados em diversas nações, escolas e universidades paradas, bares e restaurantes fechados. Centenas de despossuídos das condições de dignidade de viver ganham visibilidade, apelam para a solidariedade de todos. Se é verdadeiro afirmar que o vírus desconhece classes sociais, ele provoca, inequivocamente, riscos mais letais sobre os mais pobres, desnutridos, sem moradia e condições sanitárias adequadas. Os problemas se avolumam, os mapas de dados estatísticos atualizam diariamente o fenômeno com novas áreas sendo inseridas e a Terra se torna “uma aldeia global” regida por uma crise que é simultaneamente sanitária, econômica e política. A tempestade, em outras palavras, o abalo sísmico civilizatório se confunde com as paisagens do medo, fazendo eclodir as “forças do caos”.

O Novo Coronavírus desenha uma paisagem do medo sem precedentes. Não ataca somente as pessoas, ele destrói o sistema usando as pessoas. O vírus se desloca física e socialmente, imprimindo suas marcas na paisagem de um mundo distópico. O uso exponencial do espaço virtual, da comunicação em rede a tudo que está remotamente a ela conectado, como multimídias, robótica, inteligência artificial, acentua essa patologia da Terra e seus habitantes, ao mesmo tempo que nos remete às lembranças da nossa velha humanidade tecida na proximidade e na vizinhança. A paisagem agora redesenhada pelo

⁴ Relato escrito por Hannah Cabral, discente do curso de Bacharelado em História, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no dia 03 de abril de 2020, e disponibilizado via e-mail pessoal para fins de corroborar aos argumentos descritos neste artigo.

vírus leva ao paradoxo da vida e da morte, da morte que reorganiza a vida.

Impregnando superfícies e fazendo sua morada no órgão do corpo humano responsável pela oxigenação vital, o inimigo invisível expõe a sociedade do excesso a tudo o que ela foi capaz de criar em sua trajetória ilimitada e obsessiva. O enfrentamento do inimigo invisível revela-se humanamente impraticável, uma vez que ele desliga o piloto automático da cura de outras patogêneses já descobertas pelas ciências. O Novo Coronavírus ativa um desconhecido redemoinho, evidenciando um novo tempo e espaço de um caos inaugural. Com isso, eventos, bifurcações, emergências e flutuações ainda não totalmente descritos, tornam-se protagonistas da crise.

O redemoinho não opera pela distinção, mas pela suspensão dos sedimentos. Nesse evento, o atrito e a colisão são necessários para possibilitar a recombinação das partículas em direção ao novo, ao emergencial. Aí, as possibilidades ainda não tomaram corpo, ainda não emergiram. A natureza eventual e ainda imponderável da COVID-19 dificulta até mesmo a projeção hipotética de seus desdobramentos e formas. Como em relação a tudo o que é da ordem do novo, o paradigma científico habita, enfim (e têm consciência disso), a inaugural e desconfortável zona da incerteza – território, axioma e princípio já assumidos pelas ciências da complexidade desde o início do século XX. Estamos, pois, ainda, a vislumbrar um fenômeno em sua superfície, resíduos e rastros, sem itinerário consolidado.

Se é assim, cabe perguntar: o que fazer em um contexto que requer decisões rápidas, mas que se pauta por uma memória lacunar e de esperanças cruzadas em terrenos incertos e obscuros? Do que nos valer? De dados estatísticos alarmantes, geometrias exponenciais, cenários sombrios e pouco acolhedores? As decisões políticas e técnicas que vão no sentido de controlar a rapidez da contaminação e,

simultaneamente, operar pela via das solidariedades e ajudas entre as nações, talvez sejam as estratégias mais adequadas a esse momento de tempestade. De fato, ao que tudo indica, o cenário projetado pela atuação do vírus já estava criado há muito tempo, o que presenciamos agora é a sua emergência.

TUDO QUE É VIVO É BIODEGRADÁVEL

As doenças estão presentes na trajetória da humanidade. Adoecer faz parte de qualquer organismo vivo. Tudo o que é vivo é biodegradável, quando atinge certo limite. Segundo uma expressão de Edgar Morin, tudo o que não se regenera, degenera. Leve ou grave, especialmente isoladas ou epidêmicas, as doenças se espalham deixando rastros biológicos, sociais, econômicos, culturais. A Peste Negra (século XIV), a Gripe Espanhola (século XX), o Sarampo e a Varíola são exemplos de doenças cuja escala temporal e espacial se diferenciaram pelo seu caráter epidêmico e pandêmico, sendo vistas como divisores para impulsionar mudanças em todas as direções.

As epidemias são parte das narrativas dos deslocamentos dos povos pelos continentes, países, regiões para explorar, colonizar e conhecer além da vizinhança, do circunscrito, do entorno. O mesmo transporte que fez deslocar o desejo humano de sair de um lugar para outro para atingir os mais diferentes objetivos sempre acondicionou, além da nossa espécie, outros passageiros: vírus, bactérias, animais, plantas propiciadoras de mutações. O *Sapiens-demens* nunca se deslocou sozinho, pela razão óbvia (mesmo que marcada pelo esquecimento, às vezes) de que a nossa espécie, como todas as outras, coevoluem, são auto-eco-dependentes. Daí porque podemos afirmar que a história das migrações culturais no planeta Terra é a história das trocas,

simbioses, tensões, conflitos e cooperações entre os mundos criados pelos humanos e os mundos criados e vividos pelas demais espécies.

Às vezes, a persistência desse trânsito traz como evidência as doenças, cujo desenvolvimento dos conhecimentos talvez não seja nunca suficiente para a prescrição da cura ou do controle. E isso porque as doenças também têm suas próprias histórias, estão em permanente mutação, metamorfose. É, pois, no momento que uma nova doença emerge como acontecimento, que nos damos conta da fragilidade de nossa linguagem para lidar com ela. Sempre que isso ocorre, mergulhamos na tempestade, tendo que lidar com o tempo real do desconhecido. Nesse caso, a velocidade do acompanhamento, em tempo real, da interdependência entre os diferentes níveis de organização nos quais se baseiam os mundos dos vivos e não vivos, ocorre por dissintonia entre o tempo do evento, seu acompanhamento e disseminação, e o tempo para o conhecimento, controle e cura, que exige a observação imersa na longa duração. As epidemias, e em especial as pandemias, exemplificam essa dissintonia no momento de sua emergência, nascimento e bifurcação.

Os vírus não têm vida autônoma e, tal como outros organismos vivos são codependentes, precisam de hospedeiros. Eles aderem, ou não, ao modelo preexistente de organização espacial e socioecológica. Entretanto, é certo que em todas as épocas em que ocorreram ataques virais ainda desconhecidos, seja em outros animais ou humanos, a aglomeração foi um fator preponderante e de êxito para o vírus. É sabido também que as epidemias são fruto da urbanização, da aglomeração dos seres humanos em cidades, com o acentuado adensamento populacional. É disso que trata Stefan Cunha Ujvari (2008) em "A história da humanidade contada pelos vírus, bactérias, parasitas e outros microrganismos". O surgimento de infecções capazes de afetar, simultaneamente, um grande número de pessoas

A geografia das tempestades

Eugênia Maria Dantas e Maria Conceição Xavier de Almeida

é uma das evidências desse modelo de organização da superfície da Terra, naturalizada como uma forma de viver bem e sanitariamente equilibrada.

Tudo se passa como se os humanos pretendessem modificar a biosfera em escala planetária, esquecendo que toda modificação guarda elementos das condições preexistentes. Esse lamentável esquecimento leva a criar não apenas cidades e metrópoles, mas desenvolver sistemas produtivos regidos por aglomerações de animais e especializações de cultivos. Monoculturas de soja, milho, algodão se combinam à lógica dos criatórios intensivos de gado, porcos, galinhas, acentuando a necessidade de medidas de controle, por um lado, e, por outro, abrindo o sistema a novos contágios. Vacinas, antibióticos, antibactericidas são dispositivos dentro do mesmo sistema, que também protege e cria a doença, a peste, a epidemia. A persistência de epidemias e pandemias no mundo moderno estão, sobretudo, relacionadas a esse modelo de progresso da humanidade baseado na aglomeração e aceleração produtiva (UJVARI, 2008).

De sua parte, e ampliando essa reflexão, o sociólogo espanhol Ángel Luis Lara (2020) ressalta que a emergência de epidemias e pandemias não pode ser vista exclusivamente como produto, em si, da vida humana em cidades. Para ele, tais desordens sanitárias são uma consequência das demandas daí decorrentes, de um estilo de vida e de alimentação e, em particular, da estrutura produtiva relacionada a um modelo de desenvolvimento agropecuário intensivo. Diz ele que, em 50 anos,

[...] a pecuária industrial urbanizou, uma população animal que antes era distribuída entre pequenas e médias fazendas familiares. As condições de superlotação dessa população em macrofazendas tornam cada animal um tipo de laboratório potencial para mutações virais que podem causar novas doenças e epidemias. Essa situação é ainda mais perturbadora se considerarmos que a população global de animais é quase três

vezes maior que a dos seres humanos. Nas últimas décadas, alguns dos surtos virais de maior impacto foram causados por infecções que, cruzando a barreira das espécies, se originaram na pecuária intensiva (LARA, 2020, n.p.).

O referido autor menciona que, em 2004, a Organização Mundial da Saúde (OMS), a Organização Mundial de Saúde Animal e a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação, mais conhecida como FAO, diagnosticaram o surgimento e disseminação de novas doenças zoonóticas transmitidas pelos animais aos seres humanos, relacionando esse fato ao crescimento da demanda, consumo e intensificação da industrialização de proteínas de origem animal (LARA, 2020).

O modelo de desenvolvimento pautado na aglomeração, na urbanização, nos sistemas agrícolas e de criação intensivos, que cada dia incorpora mais terras e insumos, verticaliza as habitações, desmata e esteriliza os solos, polui nascentes e desloca populações tradicionais. Esse parece ser o celeiro de onde se irradiam as epidemias, que têm afetado os humanos, nos últimos tempos, e outras espécies como aves, suínos, vacas. O Novo Coronavírus assume a cena hoje. Uma realidade biológica, protagonizada por um parasita que sobrevive agora revestido na versão ponto 19, cuja atualização está indissociavelmente dependente das condições sociais e sistêmicas de sua existência e difusão⁵.

5 Outras versões desse vírus já foram manifestadas em outras épocas e em outras espécies animais. Os Coronavírus humanos foram identificados pela primeira vez em meados da década de 1960. Há seis tipos de coronavírus que infectam o homem: Alfacoronavírus 229E e NL63 e Betacoronavírus OC43, HKU1, SARS-COV e MERS-COV, os dois últimos responsáveis por infecções respiratórias graves. Há vários Coronavírus que causam infecção animal. Na maioria, infectam apenas uma espécie ou algumas espécies intimamente relacionadas, como morcegos, alpacas, aves, belugas, porcos, entre outros. Contudo, o SARS-COV infecta seres humanos e vários outros animais, como macacos, civetas mascaradas, cães-guaxinins, gatos, cachorros e roedores. Já o MERS-COV foi encontrado em homens, dromedários e morcegos (PALMA, 2016).

ZONAS DE DESMUNDIALIZAÇÃO: NOVOS MAPAS E LEGENDAS A CONSTRUIR

Estamos de quarentena no Brasil e no mundo porque estamos vivendo a pandemia da COVID-19. Suspender é o verbo que orienta as ações onde quer que se esteja. Calendários escolares, trabalho presencial, passeios no parque, viagens, tudo deve parar, afora o que é definido como essencial. Com essa assertiva, o vírus trouxe de volta para os humanos a pergunta: o que é essencial?

Longe de um viés essencialista que desconsidera a importância dos avanços, esse momento parece ser muito mais complexo e exigente para a humanidade. Requer ativar processos esquecidos e prover novas aprendizagens e trabalho em outras frentes. Cuidar da casa e daqueles que estão ficando nela, como filhos, idosos, está fazendo os mais jovens lembrarem-se desse espaço e dessas pessoas, esquecidos ao longo do tempo de uma existência regida, quase que exclusivamente, pelo trabalho fora de casa. Nesse momento, as ações essenciais são aquelas que vão atingir o maior número de pessoas visando diminuir os efeitos do fenômeno. Hoje é preciso ficar em casa e essa atitude tornou-se um desafio para todos os que esqueceram desse lugar como sua morada, habitação, endereço, refúgio.

Por meio de uma reflexão sócio-histórica a respeito do modelo capitalista neoliberal assumido pela sociedade-mundo, diz Edgar Morin (2020b) em entrevista ao L'OBS, em março passado, que "a mundialização é uma interdependência sem solidariedade". A via de correção de um fictício "progresso" capitaneado pela supremacia do lucro e do "consumo drogado" poderia ser acionada, segundo o pensador, pelo que ele denomina de "zonas de desmundialização". Tais zonas se incumbiriam de salvaguardar as autonomias fundamentais da diversidade cultural com seus sistemas produtivos e valores. Elas

atuariam como reservas de humanidade capazes de reaver modos tradicionais de vida e as "necessidades essenciais como o amor, a amizade, a ternura, a solidariedade, a poesia da vida". Para Morin, mesmo que o confinamento que vivemos incomode, ele poderá favorecer o encontro com nós mesmos, além de desintoxicar nosso modo de viver consumista e a compreender que o bem-viver implica no florescimento de nosso "Eu", mas sempre entre os diversos "Nós". Em outras palavras, o confinamento físico deveria favorecer o "desconfinamento" dos espíritos.

Certamente temos dificuldade de enxergar onde estamos e para onde estamos seguindo. Para Michel Serres (2004, p. 95), três mapas sintetizam, em parte, o roteiro dos deslocamentos para descrever o mundo e seu contorno.

No período da Renascença, mais ou menos por volta de 1543, foram produzidos três mapas: o do céu, modelado por Copérnico, um outro do globo terrestre, projetado pelo geógrafo Mercator, e um novo corpo, esboçado sobre as pranchetas anatômicas de Vesalius. Atualmente, são essas três páginas, a do corpo, a da Terra e a do céu, que nos conduzem à era moderna: um universo cujos fótons chegam até nós vindo de milhares de anos e de milhões de anos-luz no espaço; uma Terra explorada de perto, centímetro por centímetro, em seus mais íntimos movimentos do alto dos satélites; assistimos à respiração dos vulcões e à lenta abertura dos abismos marítimos. Detalhamos, finalmente, a constituição bioquímica e genética do corpo.

As legendas desses mapas explicitam os movimentos de travessias sobre o terreno desconhecido entre o céu e a Terra, o real e o imaginário, o vivo e o não vivo, e as tentativas de localização. Serres (2011) evidencia a empreitada de legendar um novo mapa como a tentativa de religar ordem e desordem do mundo, aplacando a ressurgência do caos. Dessa forma, os mapas, ao dotarem o mundo de contornos

A geografia das tempestades

Eugênia Maria Dantas e Maria Conceição Xavier de Almeida

e legendas, esclarecem sobre os caminhos a serem percorridos, é fato; mas também iludem sobre a travessia para um mundo seguro. Entre mapas e legendas, zonas de indeterminação se interpõem, nos movimentos das passagens.

O século das Luzes tentou nos libertar de Júpiter, quero dizer, do domínio divino. Conseguiu? Terminada a Segunda Guerra Mundial, alguns homens de talento e boa vontade inventaram uma Europa sem fronteiras para tentarem, por sua vez, livrar as nações do domínio de Marte, ou seja, dos horrores mortais da guerra. Conseguiram? Agora, será preciso nos libertarmos dos confrontos começados pelo domínio de Quirino, isto é, a produção, o trabalho, o esgotamento dos recursos, o comércio, a economia, a circulação de bens e de signos. Que novo Iluminismo vai libertar a humanidade desses três falsos deuses? (SERRES, 2011, p. 88).

Esses três falsos deuses fracassaram em suas tentativas de criar um novo mundo. Bélica, intoxicada pelo consumo, submissa ao trabalho que não dignifica a vida e, por fim, agente predador voraz da natureza, a espécie humana tem demonstrado o fracasso da mundialização. São numerosos os argumentos filosóficos, geopolíticos e ambientalistas que expressam a natureza perversa dos biopoderes empacotados pelas rubricas da política, da economia, do conhecimento. Serge Latouche, Vandana Shiva, Isabelle Stengers, Noam Chomsky, Edgar Morin, Ailton Krenak, Yuval Harari entre outros tantos, já anunciaram que, definitivamente, nosso modelo de sociedade não deu certo. Daí porque protagonizar “a volta ao normal”, depois da pandemia, é a pior solução.

De fato, o mundo esquadrihado, conforme apresentado por Serres, detalha as rotas seguidas e os mapas de suas demarcações. A Terra, aparelhada tecnologicamente por toda parte, é o seu resultado; os homens metamorfoseados em seus objetos, sua legenda. Esse

mundo esgarça-se, cada vez mais, e também perde sentido a distinção “entre as coisas que dependem de nós e aquelas que não dependem” (SERRES, 1996, p. 227). A confecção do quarto mapa, insinuado por Serres, e que o Coronavírus parece exigir, supõe uma reinvenção da sociedade, da humanidade, dos valores e escolhas de vida.

Nesse mapa, a noção de sabedoria como técnica de sobrevivência poderia rememorar o processo de hominização no âmago do qual a consciência de nossa dependência da natureza estava no “limite do que não dependia de nós” (SERRES, 1996, p. 228). Nessa suposta ignorância do mundo, podem florescer as virtudes e as escoras dos humanos para desenhar um novo mapa-múndi.

Com pertinência, o epistemólogo e linguista Noam Chomsky (2020), em “Capitalismo selvagem e sobrevivência da humanidade”, alerta para o desastre que seria a tentativa de uma volta ao período pré-pandêmico – que, como sabemos, vem sendo anunciado pela mídia com o *slogan* “tudo vai voltar ao normal”. Diz Chomsky (2020, p. 157): “Para aqueles preocupados em reconstruir uma sociedade viável a partir dos destroços que restarão da crise em andamento, é bom atender ao chamado de Vijay Prashad: ‘Não voltaremos ao normal, porque o normal era o problema’”.

De sua parte, o engenheiro Eduardo Moreira (2020, p. 63 destaques acrescentados⁶) explicita com detalhes porque o chamado normal se constitui na causa visceral mais perversa do capitalismo.

Há, portanto, um problema. Em todo sistema de equações com mais de uma variável, podemos escolher somente uma para ser maximizada. Ao maximizar **desejo**, necessariamente não maximizamos **necessidade**. E é por isso que vivemos num mundo onde há recursos mais do que suficientes para satisfazer a necessidade de todos, mas estes recursos são canalizados

⁶ Livro organizado por Anjuli Tostes e Hugo Melo Filho (2020), onde também se encontra o texto de Chomsky (2020), citado acima.

A geografia das tempestades

Eugênia Maria Dantas e Maria Conceição Xavier de Almeida

para atizar desejos, e alimentá-los todos os dias. Um mundo de incompletude e escassez. De necessidades para os pobres e de desejos para os ricos. A crise do coronavírus, de uma forma absolutamente inesperada, ensinou a todos a diferença entre um mundo que se baseia em desejos e um que se apoia na busca por atender as necessidades de seus habitantes. Da noite para o dia todos passaram a compreender a incapacidade de um mundo alicerçado nos desejos atravessar crises e momentos difíceis. A fragilidade do sistema tornou-se visível, latente, nua e crua. De nada adiantavam iates, mansões, escritórios luxuosos e cofres cheios de joias diante de um sistema de saúde débil e de milhões de pessoas vivendo em condições sanitárias péssimas. Afinal, a única maneira de proteger-se de verdade, perceberam, era ter todos protegidos, com suas necessidades atendidas. A doença de um significava o risco de todos. Ou, como sabiamente disse o papa Francisco diante de uma Praça de São Pedro vazia numa cena que jamais será esquecida: “achamos que seríamos capazes de nos salvar sozinhos e não percebemos que ninguém se salva sozinho”.

Por outro lado, no trajeto que vai do reino da necessidade ao reino da publicidade e da virtualidade, o mapa se desprende do criador, expande-se e migra para qualquer lugar,

seguindo a tendência vertical da concorrência, do mimetismo ou do interesse, depois considerado, quase tão depressa, como **desejável** e mesmo como **necessário** na manhã do dia seguinte: queixamo-nos perante o tribunal se somos privados disso. (SERRES, 1996, p. 231, destaques acrescentados).

A desconsideração do sentido de extensão que um objeto carrega em seu deslocamento arrefece o protagonismo do local e acentua o do global, na confecção da legenda. Trata-se do possível expandido e do local como passagem. Em sendo assim, o mapeamento já não depende, exclusivamente, de um “nós”, mas dos nós que são dados pelas coisas.

Nisso parece estar a identificação de três dispositivos mapeados pelo filósofo e ensaísta Byung-Chul Han (2020) para esclarecer que a Ásia apresenta vantagens comparativas em relação à Europa, quando se trata da paisagem viral que assola o planeta. Diz o autor que é preciso considerar três vetores: a mentalidade autoritária, originária da influência confucionista; a crença no Estado; e o perfil mais obediente da população. Mas, assegura Han (2020), para além desses aspectos que parecem formar uma certa identidade nesse mapa contextual, há que se considerar também a emergência do controle digital como um sintoma agudo que se torna expansivo em todas as esferas da vida privada.

Acima de tudo, para enfrentar o vírus, os asiáticos apostam fortemente na vigilância digital. [...] A consciência crítica da vigilância digital é praticamente inexistente na Ásia. Quase não se fala sobre proteção de dados, mesmo em estados liberais como Japão e Coreia. Ninguém cria resistência ao frenesi das autoridades para coletar dados. Enquanto isso, a China introduziu um sistema de crédito social inimaginável para os europeus, que permite uma avaliação abrangente ou avaliação dos cidadãos. Cada cidadão deve ser avaliado de forma consistente em seu comportamento social. Na China não há momento da vida cotidiana que não esteja sob observação. Cada clique, cada compra, cada contato, cada atividade nas redes sociais é controlada. Quem cruza com o sinal vermelho, quem lida com críticos do regime ou quem posta comentários críticos nas redes sociais tiram pontos. Então a vida pode se tornar muito perigosa. Pelo contrário, quem compra comida saudável online ou lê jornais relacionados com o regime dá pontos. Quem tem pontos suficientes consegue um visto de viagem ou créditos baratos. Pelo contrário, quem ficar abaixo de um determinado número de pontos pode perder o emprego. Na China, essa vigilância social é possível porque há uma troca irrestrita de dados entre as operadoras de Internet e de telefonia móvel e as autoridades.

A geografia das tempestades

Eugênia Maria Dantas e Maria Conceição Xavier de Almeida

Praticamente não há proteção de dados. No vocabulário dos chineses, o termo “esfera privada” não aparece (HAN, 2020, p. 99)⁷.

A descrição feita por Han parece indicar aspectos que podem acentuar os contornos da legenda para a leitura do mapa posterior a esse momento em escala planetária. Haja vista considerarmos que o vírus não tem poder revolucionário (HAN, 2020). Ele se apresenta como evento e, como tal, provoca tempestade, cujos rastros devem ser atentamente observados, para, aí sim, termos o desenho das bifurcações, a partir de sua passagem, tanto quanto das tomadas de direção.

A Geografia tem dado uma contribuição significativa no mapeamento digital das ocorrências das áreas afetadas, dos grupos mais vulneráveis, dotando o sistema de informações socioculturais e étnicas que ajudam na tomada de decisões daqueles que estão no controle do processo. Operando como uma cartografia da localização,

7 Tradução livre de: “Sobre todo, para enfrentar se al vírus los asiáticos apuestan fuertemente por la vigilancia digital. [...] La conciencia crítica ante la vigilancia digital es en Asia prácticamente inexistente. Apenas se habla de protección de datos, incluso en Estados liberales como Japón y Corea. Nadie se enoja por el frenesí de las autoridades para recopilar datos. Entre tanto China ha introducido un sistema de crédito social inimaginable para los europeos, que permite una valoración o una evaluación exhaustiva de los ciudadanos. Cada ciudadano debe ser evaluado consecuentemente en su conducta social. En China no hay ningún momento de la vida cotidiana que no esté sometido a observación. Se controla cada clic, cada compra, cada contacto, cada actividad en las redes sociales. A quien cruza con el semáforo en rojo, a quien tiene trato con críticos del régimen o a quien pone comentarios críticos en las redes sociales le quitan puntos. Entonces la vida puede llegar a ser muy peligrosa. Por el contrario, a quien compra por Internet alimentos sanos o lee periódicos afines al régimen le dan puntos. Quien tiene suficientes puntos obtiene un visado de viaje o créditos baratos. Por el contrario, quien cae por debajo de un determinado número de puntos podría perder su trabajo. En China es posible esta vigilancia social porque se produce un irrestricto intercambio de datos entre los proveedores de Internet y de telefonía móvil y las autoridades. Prácticamente no existe la protección de datos. En el vocabulario de los chinos no aparece el término ‘esfera privada’”.

as ciências da Terra podem identificar os contornos do fenômeno COVID-19 e legendar seus movimentos, mesmo que mantenham ainda obscurecidos seus itinerários.

Dessa perspectiva, o rastro digital parece hachurar uma parte significativa do desenho, delineando vias e contornos para esse mapa de bifurcações. Tal fato acentua a necessária observação sobre se estamos de fato em “uma sociedade sem inimigos, em uma sociedade da positividade [...]”⁸ (HAN, 2020, p. 108), em que a sociedade, movida pelo mapeamento digital em tempo real, elimina a noção de contiguidade espacial ou vizinhança e de tempo de longa duração, ainda presentes nas mentalidades políticas, econômicas e culturais do século XXI.

No cenário mundial estão em ebulição múltiplas realidades, e serão mais bem adaptadas aquelas que estiverem experimentando o hibridismo, o que significa operar por meio da mestiçagem entre os diferentes mundos. É preciso reconhecer que o vírus por si mesmo não corrói o sistema neoliberal capitalista ao ponto de eliminá-lo. O reconhecimento da falência de um modelo de sociedade pautada no “consumo drogado”, no crescimento exponencial dos despossuídos da dignidade humana e na depredação sem retorno da natureza, faz parte de uma agenda a ser empreendida por nós humanos. Nenhum vírus elaborará por nós tal agenda.

O vírus não derrotará o capitalismo. A revolução viral não acontecerá. Nenhum vírus é capaz de fazer a revolução. O vírus nos isola e individualiza. Não gera nenhum sentimento coletivo forte. De alguma forma, cada um se preocupa apenas com a própria sobrevivência. A solidariedade que consiste em manter distâncias mútuas não é uma solidariedade que permite sonhar com uma sociedade diferente, mais pacífica, mais justa. Não podemos deixar a revolução nas mãos do vírus. Confie

8 Tradução livre de: “una sociedad sin enemigos, en una sociedad de la positividad [...]”.

A geografia das tempestades

Eugênia Maria Dantas e Maria Conceição Xavier de Almeida

que depois do vírus venha uma revolução humana. Somos NÓS, PESSOAS dotadas de RAZÃO, que temos que repensar radicalmente e restringir o capitalismo destrutivo, e também nossa mobilidade ilimitada e destrutiva, para nos salvar, para salvar o clima e nosso lindo planeta (HAN, 2020, p. 110)⁹.

Entre o ufanismo do futurismo, tão ao gosto das ciências oraculares obcecadas em prever o amanhã, e o pessimismo advindo de uma leitura do fracasso civilizacional, certamente, o caminho do meio se impõe como alternativa, estratégia. Aqui, o “ENTRE” de Michel Serres (1994) pode tornar-se um operador cognitivo importante. Esse caminho do meio requer a afirmação da incerteza como aliada e da criatividade como resíduo e reserva antropológica a serem acionadas para regenerar, **no presente**, outro modo de ser e viver em coletividade.

O que está em jogo é sabermos mapear o movimento que se estabelece do real no virtual e do virtual no real. Os eventos contêm doses de contradição e ambivalências que se expandem nos domínios da política, da cultura, da economia, da espiritualidade, da moral, da ética, das subjetividades. Constituindo uma realidade híbrida e mestiça, qualquer evento afeta simultaneamente a existência das coisas, dos seres, dos objetos. As classificações são importantes, mas sempre insuficientes para estabelecer os limites e as fronteiras como estratégias de contenção e resolução dos problemas.

⁹ Tradução livre de: “El virus no vencerá al capitalismo. La revolución viral no llegará a producirse. Ningún virus es capaz de hacer la revolución. El virus nos aísla e individualiza. No genera ningún sentimiento colectivo fuerte. De algún modo, cada uno se preocupa solo de su propia supervivencia. La solidaridad consistente en guardar distancias mutuas no es una solidaridad que permita soñar con una sociedad distinta, más pacífica, más justa. No podemos dejar la revolución en manos del virus. Confíemos en que tras el virus venga una revolución humana. Somos NOSOTROS, PERSONAS dotadas de RAZÓN, quienes tenemos que repensar y restringir radicalmente el capitalismo destructivo, y también nuestra ilimitada y destructiva movilidad, para salvarnos a nosotros, para salvar el clima y nuestro bello planeta”.

Os rastros são potências narrativas, caixas de ressonância multiplicadoras de estruturas pouco numerosas. Por isso, a recorrência ao mapeamento como estratégia opera uma Geografia das tempestades com doses de realidade, de teoria, de imaginação, de materialidade e de virtualidade. Essa Geografia torna-se a experiência entre a realidade e sua virtualização, sendo o inverso também verdadeiro. Tudo se passa como se a pandemia que vivemos estivesse a nos sugerir, senão a nos impor, uma tarefa inadiável: desenhar mapas híbridos e mestiços dos múltiplos aprisionamentos do ser no mundo afetados, simultaneamente, pela racionalidade e pela imaginação. ○

REFERÊNCIAS

ATLAN, Henri. Vida, conhecimento e ética. In: ALMEIDA, Maria da Conceição; KNOBBE, Margarida; ALMEIDA, Ângela (Org.). **Polifônicas ideias: por uma ciência aberta**. Porto Alegre: Sulina, 2003. p. 254-256.

CHOMSKY, Noam. Capitalismo selvagem e sobrevivência da humanidade. In: TOSTES, Anjuli; MELO FILHO, Hugo (Org.). **Quarentena: reflexões sobre a pandemia e depois**. São Paulo: Canal 6, 2020. p. 161-169.

DE MASI, Domenico. Para pensar: o que significa a pandemia para a humanidade? **Tribunal Regional do Trabalho da 18ª Região**, 2020. Disponível em: <http://www.trt18.jus.br/portal/para-pensar-o-que-significa-a-pandemia-para-a-humanidade-domenico-de-masi/>. Acesso em: 28 abr. 2020.

HAN, Byung-Chul. La emergencia viral y el mundo de mañana. In: HAN, Byung-Chul. **Sopa de Wuhan: pensamiento contemporaneo en tiempos de pandemias**. Buenos Aires: Editorial Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio (ASPO), 2020. p. 97-111.

A geografia das tempestades

Eugênia Maria Dantas e Maria Conceição Xavier de Almeida

HARARI, Yuval. 'Guru' dos nossos tempos, Yuval Harari aponta os cenários pós-pandemia. **TAB**, 2020. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/28/guru-dos-nossos-tempos-yuval-harari-aponta-os-cenarios-pos-pandemia.htm>. Acesso em: 28 abr. 2020.

LARA, Luis Angel. Causalidade da pandemia, qualidade da catástrofe. **Instituto Humanitas Unisinos**, 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597848-causalidade-da-pandemia-qualidade-da-catastrofe-artigo-de-angel-luis-lara>. Acesso em: 5 maio 2020.

MOREIRA, Eduardo. A economia do desejo e a Covid-19. In: TOSTES, Anjuli; MELO FILHO, Hugo (Org.). **Quarentena: reflexões sobre a pandemia e depois**. São Paulo: Canal 6, 2020. p. 61-64.

MORIN, Edgar. Lo que el coronavirus nos está diciendo. **Climaterra**, 2020a. Disponível em: <https://www.climaterra.org/post/lo-que-el-coronavirus-nos-est%C3%A1-diciendo-por-edgar-morin>. Acesso em: 28 abr. 2020.

MORIN, Edgar. A mundialização é uma interdependência sem solidariedade. Entrevistadores: David Le Bailey e Sylvain Courage. **Carta Capital**, 2020. Disponível em: <https://envolverde.cartacapital.com.br/a-mundializacao-e-uma-interdependencia-sem-solidariedade/>. Acesso em: 5 maio 2020.

MORIN, Edgar. Por uma reforma do pensamento. PENA-VEIGA, A.; NASCIMENTO, Elimar Pereira do (Org.). **O pensar complexo**: Edgar

Morin e a crise da modernidade. Rio de Janeiro: Garamond, 1999. p. 21-34.

PALMA, Ana. Coronavirus. **Fiocruz**, 2016. invivo. Disponível em: <http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=1438&sid=8>. Acesso em: 28 abril 2020.

PAPA FRANCISCO. Papa reza pelo fim da pandemia: homilia integral. **Vatican News**, 2020. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-03/papa-francisco-coronavirus-homilia-integral.html>. Acesso em: 28 abr. 2020.

PRIGOGINE, Ilya. Carta para as futuras gerações. In: PRIGOGINE, Ilya. **Ciência, razão e paixão**. São Paulo: Livraria da Física, 2009a. p. 11-18.

PRIGOGINE, Ilya. Elogio ao irreversível. In: PRIGOGINE, Ilya. **Ciência, razão e paixão**. São Paulo: Livraria da Física, 2009b. p. 79-84.

UJVARI, Stefan Cunha. **A história da humanidade contada pelos vírus, bactérias, parasitas e outros microrganismos**. São Paulo: Contexto, 2008.

SERRES, Michel. **Atlas**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

SERRES, Michel. **Diálogos sobre ciência, a cultura e o tempo: conversas com Bruno Latour**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

SERRES, Michel. **Variações sobre o corpo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

SERRES, Michel. **O mal limpo: poluir para se apropriar?** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

Submetido em Outubro de 2020.

Aceito em Novembro de 2020.